

# **Análise fenomenológica do filme “Sétimo selo” - um olhar para a morte e a angústia na perspectiva de Martin Heidegger**

**Sérgio Henrique Nascimento**

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

sergioibert@hotmail.com

## **Resumo**

O “Sétimo Selo” é uma obra cinematográfica de extrema relevância para se pensar a morte e a finitude, assim como as possíveis atitudes frente a ambas. O Filme é o pensamento sobre esses “aspectos” da vida. Ele denuncia o absurdo da existência, expondo o absurdo que o reconhecimento da finitude pode revelar. Experimenta-se a tomada de consciência de que “somos um ser-para-morte”. O filme de Ingmar Bergman tem forte influência do Filósofo Alemão Martin Heidegger.

**Palavras-chave:** Heidegger; angústia; morte; Bergman.

## **Introdução**

O filme “Sétimo Selo” foi responsável por dar visibilidade ao diretor sueco Ernst Ingmar Bergman, ganhando fama internacional. O filme trata de seus temas principais: Deus, a Morte, a vida, a solidão, as relações humanas.

Ernst Ingmar Bergman (1918-2007) foi um dramaturgo e cineasta sueco. Estudou na Universidade de Estocolmo, onde se interessou por teatro e, mais tarde, por cinema. Iniciou a carreira em 1941, escrevendo a peça teatral "Morte de Kasper". Em 1944, desenvolveu o primeiro argumento para o filme "Hets". Realizou o primeiro filme em 1945, "Kris".

## **Análise crítica**

A história do filme é simples. Um Cavaleiro e seu Escudeiro voltam das Cruzadas. O país está assolado pela peste. Eles se encontram com a Morte e o Cavaleiro faz um trato com ela: enquanto conseguir contê-la numa partida de xadrez, sua vida será poupada. Na viagem pela terra natal, encontram artistas, fanáticos, ladrões, patifes, mas por toda parte a presença da Morte, empenhada em ganhar o jogo por meios lícitos e ilícitos. Como se

constata na foto -a seguir, onde a morte trapaceia para descobrir a estratégia do Cavaleiro Antonius Block.

Figura 1 – Cena de abertura do filme



Fonte: BERGAMAN, 1956

A cena de abertura dá o tom: antes de qualquer imagem, a música começa solene *Dies Irae* (“Dia da Ira” é um famoso hino, em latim, do século XIII). O passar das nuvens e a música dão o tom do drama bergmaniano.

Bergman se interessa em pensar a morte. E ele o faz de forma brilhante. Há algo mais próprio e impróprio à vida do que a morte? A morte é o problema central da condição humana, desde as primeiras manifestações originárias da cultura, por exemplo, as pinturas rupestres trazem indícios sobre as prováveis crenças em relação à perpetuação de um sopro de vida após o ocaso. Isso pode ser visto como evidência da incapacidade humana de aceitar a finitude e a morte (CAMPBELL, 1997, p. 12).

De fato, a morte é um problema da existência humana, referente ao destino do ser singular enquanto tal. O Ser Humano olha a morte não como algo natural, mas irracional e absurdo. Um problema tão arcaico perpassou a história do pensamento, influenciando decisivamente as mais díspares faces do Espírito, como o mito, a filosofia, a ciência e a arte. No Cinema, destaca-se Ingmar Bergman que possibilitou um manancial de imagens sobre o tema em várias de suas produções. Entretanto, no que concerne à morte o filme “O Sétimo Selo” é o grande referencial na história do cinema. A película reafirma o incontornável problema da morte.

No “Sétimo Selo”, a morte é uma das muitas questões que podem ser colocadas diante da contundente perplexidade evocada por “O Sétimo Selo” de Bergman. O filme, da

década de 50, apresenta-se como um verdadeiro solavanco para uma cultura que vinha negando ao homem a possibilidade de meditar sobre o próprio fim.

O filme de Bergman se passa na Idade Média, século XII, período sob forte influência cristã. O cavaleiro das cruzadas Antonius Block e seu fiel escudeiro Jons acabam de retornar da Terra Santa para a Suécia assolada pela peste.

A eloquência da Morte está presente em todo o tempo e lugar, como, por exemplo, no momento no qual a personagem de face alva e manto negro se dirige a Antonius Block, o cavaleiro cruzado:

A. BLOCK — Quem é você?  
MORTE — Eu sou a morte.  
A. BLOCK — Veio me buscar?  
MORTE — Tenho caminhado ao seu lado há muito tempo.  
A. BLOCK — Eu sei.  
MORTE — Está pronto?  
A. BLOCK — Meu corpo tem medo, eu não (BERGAMAN, 1956).

No filme, a morte está sempre presente, tentando seduzir o cavaleiro, como se ela fizesse parte da própria angústia do cavaleiro. Ela é a lembrança da mortalidade, da temporalidade e inconstância das coisas. Há uma grande batalha entre o cavaleiro e a morte, esta batalha está representada no jogo de xadrez a imagem mais importante do filme.

Figura 2 – Batalha de xadrez entre a morte e o cavaleiro



Fonte: BERGAMAN, 1956.

Para a angústia, o que ameaça não se encontra em lugar algum. O mundo é o que se abre e se encontra sempre presente, mas, em lugar algum, é o nada. Essa é a grande luta que o homem trava consigo mesmo, diante do mundo, que aparece caótico, ele se depara com sua própria existência e sua condição de mortalidade. Para Heidegger, a angústia encontra-se diante de duas percepções do não-ser: o antes do nascer e o depois de morrer. Bem diversa do medo comum e da ansiedade neurótica, a angústia existencial não degrada o homem. Antes, exalta-o, enobrece-o, porque decorre de sua consciência de estar-no-mundo e de sua liberdade de poder-ser, ou deixar-de-ser.

A angústia, junto com a própria presença que nela se abre, oferece o solo fenomenal para a apreensão explícita da totalidade originária da presença. Esse ser desentranha-se como cura. Segundo Heidegger, a angústia é o modo essencial da existência. Aquele que pode reconduzir o Dasein à sua totalidade como ser e juntar os pedaços a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferença da vida cotidiana. Compreende-se que é na manifestação desse fenômeno que o Dasein se eleva da traição cometida contra si mesmo, quando se deixa dominar pelas mesquinhas do dia-a-dia, até o autoconhecimento de sua dimensão mais profunda. A raiz da angústia é justamente a existência como possibilidade. O Dasein se angustia pelo fato de saber que o seu ser está em jogo nas várias possibilidades de sua existência. (HEIDEGGER,1997, p.210).

A angústia devolve ao Dasein a possibilidade de compreender a si mesmo a partir do mundo. A angústia o remete para aquilo por que a ela se angustia, para o seu poder-ser mais próprio no mundo. Em outras palavras, aquilo porque a angústia se angustia não é um determinado modo de ser nem uma possibilidade do Dasein. Com efeito, a ameaça mesma é indeterminada e não pode penetrar ameaçadora para este ou aquele poder ser concreto fático. Aquilo porque a angústia se angustia é o estar-no-mundo. (HEIDEGGER,1997,209-210).

Ao contrário do temor, a angústia não nasce do confronto com as coisas que estão no mundo, denominados por Heidegger, os entes intramundanos. Ele nos diz que:

Nada do que está acessível a mão ou do que está-aí dentro do mudo funciona como aquilo ante o que a angústia se angustia. O ente com que a angústia se angustia caracteriza-se pelo fato de que o que a ameaça não está em lugar algum. A angústia “não sabe” com que ela se angustia. (HEIDEGGER, 1997, 208).

É na disposição afetiva da angústia que o Dasein, enquanto ser-lançado-no-mundo, percebe-se como um ser singular que na compreensão da sua autêntica existência se projeta essencialmente para as suas possibilidades. É sendo que o Dasein está aberto para si mesmo em seu ser. Assim, podemos afirmar que, para Heidegger, a disposição e a compreensão constituem o modo de ser dessa abertura (HEIDEGGER, 1997,207). O que caracteriza a abertura é justamente a possibilidade de o Dasein se compreender e apropriar do sentido do seu ser na angústia.

Em Heidegger, a angústia é a marca fundamental do Dasein. É a via de acesso ao ser. Isso porque ele existe de fato e enquanto existência é possível projetar seu ser mais próprio. O Dasein (Homem) vive de possibilidades e possibilidade é a dimensão de tempo que corresponde o futuro. Logo, ele vive continuamente debruçado sobre o futuro. É livre para escolher sê-lo, ou pode continuar mergulhado na impessoalidade do ser, no cotidiano, se privando da manifestação de sua capacidade de transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo (ALMEIDA,1998, p.500). A angústia enquanto compreensão existencial possibilita ao Dasein transformar a necessidade em virtude. Aceitar como um ato de escolha a situação de fato, que é seu destino e que sem a angústia procuraria inutilmente transcender.

Em seu escrito: Sobre o humanismo, Heidegger diz que a angústia é um sentimento onipresente (HEIDEGGER,1979, p.11). Para nosso filósofo, ela está em todo lugar indisciplinada e revoltada por estar ajustada pela razão constitucional da sociedade. O Dasein, angustiado, tende-se a sair da acomodação e se libertar de tudo aquilo que o impede de ser singular, de se assumir como realmente é. Angustiado ele se torna negativo e rejeita tudo que o transforma em ser limitado, covarde, banal, anônimo, insignificante, vulgar e inautêntico (ALMEIDA,1998, p500). É justamente a inquietude e a estranheza provocadas pela angústia que se torna o elemento estruturante do Dasein na história. Incomodado com sua situação, ele vai à procura da sua existência. E assim, livre das situações e cercas, pode se perguntar pelo que é real, possível e melhor e encontrar sua autodeterminação, o conhecimento do que ele pode ser. (ALMEIDA,1998, p500).

A manifestação desse fenômeno revela-se no Dasein como abertura para o acolhimento do ser autêntico no ato de aceitação da consumação de todas as suas possibilidades. A angústia ergue-se do ser-no-mundo enquanto ser-para-a-morte. (HEIDEGGER,1997, p. 356).

A angústia é a voz, que emerge de sua consciência moral, para recordar-lhe, retrospectivamente, a culpa, e, prospectivamente, a morte, esse grande mistério jamais decifrado, diante do qual impõe-se a responsabilidade da realização de seus projetos, livremente escolhidos.

Ou seja, o filme pode ser entendido como a jornada do homem como um lançado no mundo, diante de sua condição humana, é o ser diante do tempo. Quando o homem toma consciência dessa existência, ele pode tomar sua própria vida e sua liberdade, na verdade o homem quando nasce já se torna um ser para a morte, um ser para a totalidade, portanto, para sua finitude.

Para Heidegger, a morte faz parte da essencialidade constitutiva do Dasein finito. Morrer é um ato inerente a vida do Dasein. Se angustiar pela morte, significa compreender a impossibilidade da existência enquanto tal (HEIDEGGER,1997, p.356).

É no compreender-se como ser-para-morte, que o Dasein experimenta a sensação de seu nada possível. Ele é um ser que vive de possibilidades e a morte é a possibilidade dele ser-aí.

O filósofo da floresta negra considerou a angústia como o caminho privilegiado de compreensão do ser, porque é nela que o Dasein se compreende nitidamente como ser-para-morte, ou seja, sente-se em presença do nada, da impossibilidade possível de sua existência. Por meio dela, o Dasein percebe com muita nitidez que ele está na determinação e na disposição de ser. Está na liberdade de existir e também de não existir. A inautenticidade do Dasein consiste em não se comportar como convém na angústia, isto é, diante da morte (BUZZI,2001, p.171).

Ao mesmo tempo em que gera angústia, a morte consegue livrar o Dasein de se perder nas possibilidades (HEIDEGGER,1997, p.325). A angústia liberta o homem das possibilidades nulas e o torna livre para as possibilidades autênticas. Dentre as várias possibilidades possíveis o Dasein tem de assumir uma morrendo para as demais, e o fato de antecipá-la dá sentido ao ser (REALI,1991, p. 587).

A morte é um fenômeno que inquieta o Dasein e o desinstala de uma suposta passividade com relação à vida, o obrigando a buscar um sentido para viver e adiar esta possibilidade para o momento mais distante que puder.

No Filme tal atitude é visível no personagem do Cavaleiro Antonius Block. A possibilidade de morrer naquele momento o incomoda e ele tenta a todo custo adiar o

momento angustiante da morte e buscar um sentido autêntico para sua existência. Mas, existir autenticamente implica em ter coragem de olhar de frente a possibilidade do próprio não ser, de sentir a angústia do ser-para-morte. Neste sentido, ser autêntico é aceitar sua própria finitude. Antonius Block sente a presença constante da morte. No diálogo a morte diz: “tenho caminhado ao seu lado há muito tempo”; na verdade, desde o nascimento. O cavaleiro Antonius Block resiste ao chamado, propondo um jogo de xadrez para a morte. Ele diz:

A. BLOCK — Você joga xadrez, não?  
MORTE — Como sabe?  
A. BLOCK — Eu vi nos quadros.  
MORTE — Posso dizer que jogo muito bem.  
A. BLOCK — Você certamente não joga melhor do que eu.  
MORTE — Por que quer jogar comigo?  
A. BLOCK — Isto é problema meu.  
MORTE — Tudo bem.  
A. BLOCK — Minhas condições são as seguintes: você me deixa vivo enquanto eu resistir a você. Se eu conseguir um xeque-mate, você me poupa (BERGAMAN, 1956).

Essa é a articulação na qual transcorre o filme. A cada momento é reiterada a presença da morte no estar vivo. As imagens são recorrentes: o homem que rouba os mortos e é ferido pelo escudeiro; a peste que se põe como estofó da trama.

Algo importante a destacar é a atitude do escudeiro ao longo da trama. Ele tem uma postura bastante distinta da dialética assumida por Antonius Block. O Escudeiro desdenha de sua própria condição, pouco se importando com a vida e zombando da própria possibilidade da morte:

ESCUDEIRO — Sou o escudeiro Jons. Desprezo a morte, zombo de Deus, rio de mim mesmo e sorrio para as mulheres. Meu mundo é meu e só acredito em mim mesmo. Ridículo para todos, até para mim mesmo. Sem sentido para o céu indiferente para o inferno (BERGAMAN, 1956).

Só é permitido um único caminho a ser percorrido e apenas um lugar a ser alcançado, independente de quaisquer atalhos: a morte. Não há o que temer. Nada tem importância ao se tomar consciência do próprio fim.

Martin Heidegger afirmar que o homem não é o ser, mas aquele que discursa sobre o ser, que interroga sobre este. Vários são os questionamentos que povoam o imaginário humano. Quem nunca se perguntou: “Para onde vou?”, “Quando morrerei?” “Como

morrerei?” e “O que acontece após a morte?” em uma tentativa fracassada de encontrar a resposta certa para seguir a vida? Essa tentativa de encontrar uma resposta vem da ânsia de dar o sentido à vida. Assim, perguntar sobre o sentido pode abrir a possibilidade de construir significado: encontrar inúmeras possibilidades de ser.

Dessa maneira, dependendo da forma que o sujeito é afetado pelo mundo, há uma perspectiva relativa de interpretá-la. Aquilo que vivi pode dar uma margem de interpretação da morte. Nossa história de vida pode nos orientar para a morte, como um início pode criar múltiplos finais e nos conduzir a uma realidade multifacetada. É impossível me separar do contexto do meu ser porque somente eu tenho a experiência do “aqui e agora”.

Se através de minha perspectiva posso criar interpretações de meus questionamentos, quando encontro as repostas deles ou penso nas possibilidades de respostas, geralmente esse movimento pode causar um sentimento inefável: a angústia. E a angústia é a disposição que nos leva para nossa própria condição existencial, porque ela entra em contato com a essência do ser humano. Condição esta que é de desalojamento e está sempre em busca de alojamento. Ou seja, na procura do sentido, na procura da resposta, na procura do por quê.

Esses questionamentos, que permeiam a vida dos homens, são também objetos de discussão no cinema. “O Sétimo Selo” (1956), filme escrito e dirigido por Ingmar Bergman e cujo título faz referência ao livro bíblico do Apocalipse, que diz que Deus tem um livro fechado com sete selos e a abertura de cada um desses selos trará malefícios para a humanidade, sendo a abertura do sétimo selo responsável pelo fim dos tempos, busca explicitar a importância dessas questões sobre o ser.

O filme traz a história de um cavaleiro, Antonius Block, e seu vassalo. Ao partirem rumo às Cruzadas, eles vão em busca da Terra Santa para lutar por um Deus que seria grato a seus esforços. No entanto, ao retornarem e se depararem com a peste negra, entram em conflito, levantando questões de cunho existencial, como a morte e a existência desse Deus que os traiu. O homem anseia por buscar um Deus, por acreditar fervorosamente que existe algo além da morte, pois não suporta a ideia de sua finitude. Essa questão se mostra para Antonius durante a morte de uma jovem condenada aos tribunais do santo ofício: ao vê-la entrar em contato direto com a morte, ele percebe seu próprio vazio existencial. Ao enxergar que em seus olhos ela se sente sozinha, ele se dá conta de que pode não existir um respaldo espiritual e questiona sua fé em Deus, entidade que ele tanto procura em cada canto do mundo, em busca de qualquer sinal de que seu ser se perpetuará após a morte. Bergman

escreve e encena sobre o silêncio de Deus. Por mais que Antonius Block o busque, ao seu redor só consegue encontrar a morte e o silêncio de Deus.

A Morte aparece em vários momentos de forma repentina, mostrando-se sempre presente, podendo surgir a qualquer instante. O filme faz, constantemente, referências à existência ou não de Deus, ao sentido da vida, à uma suposta vida após a morte, enfim, à angústia de saber-se um ser-para-a-morte. Em diversos momentos aparecem questionamentos ligados à religião e a realocação da mesma enquanto paradigma que explica todos os fenômenos. A crítica à instituição Igreja fica implícita durante todo o filme; nem Deus nem o Diabo aparecem concretamente, mas mostram-se através dos personagens e das referências que estes fazem aos mesmos.

Bergman tenta mostrar, nesse filme e em toda a sua obra, que a angústia existencial faz parte da condição humana e é clara a influência de Martin Heidegger em sua trajetória no cinema. Para Bergman e Heidegger a angústia não é um problema, uma vez que é próprio do ser humano sentir angústia; é uma resposta ao fato de saber-se um ser-para-a-morte. Para Heidegger, a relação do homem com o mundo pauta-se nessa condição de ter consciência de ser um ser que caminha para a morte. Entender o sentido da vida tem relação estreita com saber-se assim, portanto, não há nada patológico na angústia existencial.

A partir de Heidegger podemos pensar, também, os conceitos de Dasein (ser-aí) e ser-com-outro. Nossa consciência se move em direção ao mundo e este se abre para nossa consciência em um processo em conjunto, porque vivemos e nos relacionamos com o outro e com o mundo do outro em busca de uma existência autêntica. Ao notar que está em uma existência inautêntica, Antonius se encontra em uma situação de decadência e sai em busca de um caminho mais verdadeiro e que faça sentido para aquilo que ele é, mostrando que é da condição humana questionar seus conflitos e o sentido da vida – questionamento que gera angústia, pois o viver é calcado na imprevisibilidade e na incerteza.

Essa angústia frente o nada da existência nos incomoda. Como ser-para-morte, o Dasein também experimenta a sensação do seu nada possível. E o que é o nada senão a possibilidade das possibilidades. A angústia faz com que o Dasein se sinta estranho. Ele não se vê mais tão familiar com as coisas. É como se ele deixasse de preocupar simplesmente com as coisas, deixando de viver a partir delas, para viver a partir dos seus próprios projetos autodeterminando-se. Isso acontece porque, na angústia, todas as entidades em que o Dasein estava mergulhado se afastam, afastando em um “nada e nenhum lugar”, e o Dasein então em

meio às coisas para isolado e em nenhuma parte se acha em casa. É como se toda a rotina desaparecesse forçando-o assim, a buscar viver o seu ser de modo autêntico. A angústia o impele a agir diferente (HEIDEGGER,1979, p.39).

Na obra *O Que é Metafísica?*, Heidegger afirma que o nada é o véu do ser. Neste sentido, o Nada nada tem a ver com qualquer tipo de niilismo ou pessimismo, como se fosse um vazio existencial onde não fosse possível enxergar nenhuma possibilidade, ou ainda onde não se encontra nenhum sentido para a sua existência. O Nada é o véu do ser (HEIDEGGER,1979, p.39). É a partir dele que o *dasein* pode descobrir o seu ser e lançar-se nos seus projetos.

Pode-se dizer que a angústia é a essência do Nada e o Nada é transcendência ineliminável, o que torna possível a revelação do ente para o *Dasein*. O Nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originalmente à essência mesma do ser (HEIDEGGER,1979, p.41).

A segunda seção de *Ser e Tempo* parte da interpretação da vida inautêntica para analisar o que seria a vida autêntica. Naquela o Ser se oculta em suma, poderíamos dizer que o caminho heideggeriano de revelação do Ser vai da análise da existência inautêntica a sua existência temporal “no mundo, do mundo e com o mundo” que Heidegger vai afirmar a sua dimensão finita e negadora. O *Dasein* é tarefa inacabada e sempre está diante de múltiplas possibilidades, ele é o não ser. Com efeito, o ser que se desvela na existência do *Dasein* é aquele que se manifesta no aí, no tempo, no agora, não como objeto, mas como dom. Ele não é um ser pronto, mas um ser sendo. O *Dasein* é um ente que sempre é no horizonte de sua possibilidade, ou seja, é um ente que na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta (HEIDEGGER,1997, p.81).

A partir de *Ser e Tempo*, Heidegger nos oferece uma chave de leitura para pensarmos o Ser de um novo modo. Essa chave é a interpretação da realidade, da existência fática. É através da análise existencial que se encontra a constituição fundamental do *Dasein*, ser-no-mundo, cujas existências se centram na sua abertura ao ser. Essa abertura acontece na medida em que o *Dasein* se compreende a si e as coisas que estão à sua volta. Essa compreensão manifesta-se na disposição da angústia. Heidegger vai dizer que só o fato de o *Dasein* ser-no-mundo ele se angústia, ele sente-se angustiado por já se encontrar situado no mundo apertado, estreito, finito.

A angústia heideggeriana não é uma angústia mórbida que deprime o Dasein. Antes, é nela que o Dasein se encontra em perfeita lucidez e sente-se corajoso de tal maneira que se abre para o ser se manifestar. Isso o conduz a uma vivência autêntica, consciente do que ser e principalmente consciente de seus limites. Outro aspecto interessante que nos desperta a atenção é a concepção heideggeriana de existência como possibilidade de ser. O Dasein é um ente que sempre é no horizonte de suas possibilidades. É um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta.

O homem, enquanto único ser que tem consciência de ser, é o ser que pode responder sobre o sentido de ser, pois é ele quem é capaz de indagar-se sobre esse sentido. Antonius, na busca por essas respostas, vai de encontro a outros questionamentos, como a existência de Deus e o que haverá depois da morte. É importante frisar que esses questionamentos não são “bem-vistos” no contexto em que ele se encontra, pois a religião assume um caráter punitivo àqueles que não obedecem e não temem a Deus. Em um contexto em que a religião impõe que os indivíduos devem temer a morte por serem pecadores, restringem-se as possibilidades de pensar o sentido de ser fora desse modelo. O posicionamento questionador do cavaleiro representa, então, uma quebra do modelo vigente, uma subversão àquilo que lhe é imposto pela religião, e isso possibilita que ele pense outras maneiras de ser-no-mundo e outros sentidos para sua existência.

A própria religião pode ser entendida como uma maneira de dar sentido à vida. Durante nossa existência, buscamos incessantemente por respostas a questões como “quem sou eu?”, “o que faço aqui?”, “qual o sentido da minha vida?” e “o que acontecerá comigo depois que eu morrer?”. A religião seria, então, uma criação do homem para que tivesse respostas para essas questões. Isso não significa dizer que a religião não tem valor como explicação para o sentido de ser; é uma possibilidade que faz sentido para alguns indivíduos, portanto, é válida e sua discussão deve ultrapassar a lógica da Verdade e ser compreendida à luz da experiência e das significações.

Quando a Morte se mostra para todos, nota-se claramente a forma que cada um enxerga a Morte. Ela é única, por ser para todos, no entanto, é multifacetada, sendo passível de inúmeras interpretações de acordo com a maneira que cada um atribui relações de significado para ela. Antonius não a aceita e sofre com sua presença, ao passo que a Jovem Mulher a aceita e diz que chegou sua hora, indicando duas maneiras antagônicas de enxergar o mesmo fenômeno. As relações que o sujeito faz com a morte variam de cultura para cultura,

de pessoa para pessoa. Porém, todos nós temos alguma teoria sobre a morte. Todos nós nos indagamos sobre o sentido da vida, e saber-se finito gera angústia para todos.

### **Conclusão**

O filme mostra que o homem sustenta uma relação instável com a morte. Ao mesmo tempo em que se deve, em algum nível, aceitar-se um ser-para-a-morte, talvez não seja possível uma aceitação real de sua finitude. Na cena em que o cavaleiro está no confessionário, ele confessa seu plano para burlar a Morte no jogo de xadrez. Ele aceita, em algum nível, que a Morte pode levá-lo se ele perder a partida, mas agarra-se a toda oportunidade de manter sua vida, como que negando a possibilidade da morte quando afirma que “ninguém nunca ganhou dele num jogo de xadrez”. A morte é um fato irrefutável e é a única certeza que temos na vida. Entretanto, a certeza da morte não acalma a angústia de todas as incertezas no caminho da vida e, angustiados, vamos tentando viver da maneira mais autêntica possível.

É precisamente o anúncio feito por Bergman em “O Sétimo Selo”, que se apresenta em plenitude, ao vociferar o poder da lídima criação. Viver é criar, criar os próprios sentidos para a existência, negando a exterioridade do valor da vida. Ao contemplar a dança da morte na derradeira cena da película - desde que o sujeito assuma a alegria de criar, de constituir sentidos e se disponha, de fato, a aprender a viver. Para além, então, de um ser-para-a-morte, pois, afinal, se filosofar é aprender a morrer, é possível que aprender a morrer seja condição para se aprender a viver.

### **Referências**

ALMEIDA, Luiz Silva de. É possível superar a metafísica? Dois projetos Carnap e M. Heidegger. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, V.25, nº 83, out-dez, 1998.

BERGMAN, I. *O sétimo selo*. Suécia: Svensk Filmindustrit, 1956. 96minutos.

BUZZI, Arcângelo R. *Angústia*. A Existência no mundo. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAMPBELL, J. *As Transformações do Mito Através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

HEIDEGGER, M. *Que é metafísica?* Trad. STEIN, Ernildo. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (col. Pensadores)

HEIDEGGER, M. *Ser y Tempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera. Cruchaga. Santioga de Chile, 1997. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes; 1989.

PERINE, M. *Violência e nihilismo: o segredo e a tarefa da filosofia*. Kriterion, v. 43, n.106, p. 108-126, 2002.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; BATISTA, Romulo Siqueira; SCHRAMM, Fermin Roland “Existência e Arte” - *Revista Eletrônica* do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano V - Número V – janeiro a dezembro de 2010. Disponível em <<http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/SetimoSelo.pdf>> Acesso em: 18 de Junho de 2015.

**Phenomenological analysis of the film " The Seventh Seal " - A look at the death and the  
anguish in view of Martin Heidegger**

**Abstract**

The Seventh Seal is cinematographic work extremely relevant to think about death and finitude, as well as possible attitudes to both. The film is thinking about these "aspects" of life. He denounces the absurdity of existence, exposing the absurdity that the recognition of finitude can reveal. Try to awareness that "we are a being-for-death." The Ingmar Bergman film has strong influence of German Philosopher Martin Heidegger.

**Keywords:** Heidegger; anxiety; death; Bergman.